

# RÉQUIEM PROFANO PARA CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Pedro de Assis





# RÉQUIEM PROFANO PARA CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Pedro de Assis\*

## I

**D**orme em paz, Drummond, teu sono eterno de minério...  
oh Arquimineiro! enfim exausto de lavar tuas minas  
de ouro e ferro e estanho e cobre, e lavras diamantinas:  
tuas minerais palavras — jazidas de mistério.

Cerra em paz, Drummond, teus olhos tão pequenos para ver  
países mutilados como troncos — de novo proibidos de viver.  
E o velho mundo que se esvai em sujo e sangue, um outro mundo  
que brota, qual nelumbo! a teus olhos sem luz que se translumboram.

Cruza em paz, Drummond, tuas mãos transidas, esmorecidas  
mãos que afagaram e que escreveram as coisas todas deste mundo,  
e ternas se deram à terna e leal companheira da vida inteira,  
tuas mãos dadas: apenas duas mãos, e o sentimento do mundo.

Recosta em paz, Drummond, teu frágil, forte ombro andradino  
que suportou as dores, os sonhos, as esperanças do mundo.  
Tu — magno Carlos — que a ti chamaste José e Raimundo  
e uniste a verde rosa do povo ao negro lírio castroalvino!



Requieta em paz, Drummond, teu peito ofertado ao acerbo amor  
que árduo inquiriste. E alfin colheste, em som camoniano,  
de tua lírica e ardente mineração do Eu, do Outro,  
a suma e simples lição: amar se aprende amando.

Sossega em paz, Drummond, teu coração maior e menor que o mundo,  
e muito melhor — que desde o dia em que o amor te bateu na aorta  
e um anjo torto, e a legião de amigos, vieram ter e bater à tua porta,  
não mais tiveste posto em sossego teu pobre coração vagamundo.

Reclina em paz, Drummond, tua fronte imersa no pensar  
profundo, auscultando, perscrutando, entre miríades de signos,  
símbolos, mitos, ritmos, o absurdo original e seus enigmas  
os mais altos, mais claros — pastor do Tempo, minerador do Ser.

Recerra em paz, assim, teu sereno olhar, alegre e triste,  
que em cada retrato afeiçoou-te o espírito e o semblante,  
e de que são o reflexo, dúplice, recíproco, e constante,  
os teus sorrisos e poemas... da triste alegria.

Descansa, em paz, tua alma inquieta no sentir e no dizer  
os sentimentos grandes, fundos, obscuros, contraditórios,  
que ao homem tornam estranho, mais que estranho, a si contrário,  
e na língua um travo te deixaram, de angústia entre o talvez e o se.

Repousa enfim, para sempre, teu corpo inteiro, teu corpo inerte,  
que pereceu na noite — e sucumbiu por si na espantosa solidão.  
Sem suor de remorso, terror, súplicas. Serenamente, como anteciparas:  
adeus, composição que um dia se chamou Carlos Drummond de Andrade.

## I

Faz, em paz, em fim, ao seio da terra e da família,  
a tua sem retorno e a mais longa e última viagem...  
selando as que aos mais loucos labirintos, sem passagem,  
tantas vezes fizeste, seguindo a morte em sua trilha.



Em paz, recolhe ao teu agora hirto lado esquerdo  
as heranças, lembranças... o que restou dos teus mortos.  
Já não te pesam — vazios — os jazigos da memória.  
Aos teus lajos e andridos... te reúne este lajedo.

Aqui jaz — morto! Drummond — na sancta paz dos descampados,  
que alcançaste, teu corpo e alma na mais completa solitude.  
Poeta do finito, e da matéria, cantor do nada, e da humana finitude,  
a ti acolhe — mina recôndita — o cemitério da infinita soledade!

Mineiro e minerador, em ti refundes, inumas, a dura e rica mineralogia simbólica  
de tuas velhas minas extraída, e o comburido espírito de Minas, teimoso lume aceso  
mesmo sob cinza: eras geológicas de sonhos minérios, mineralgias míticas — geopoética  
do fogo embriagador que lavra súbito, na palavra, na pedra: diamantinimas turmaliniminas

### III

No silêncio, e na sombra, de tua mais terrestre herdade  
(horto que antegozaste, trauteando teu resposno prévio)  
fazendeiro do ar que regrediste aos arcanos da caverna,  
aí ofusca-te o esplendor da verdade / sem verdade.

Mas, tua poesia, que é a tua luz perpétua e insepulta,  
chama azul-telúrio em que perdura e rutila a essência  
da existência, que assumiste e que cantaste, tua poesia,  
morte secreta — te salva, e te resgata... da morte absoluta.

(Tu que, irresoluto, em matéria de infinito e anacoluto,  
— fino perfil, de Machado, de Quixote, ou de Carlito,  
e nem Fausto nem Mefisto — c' um piparote em tudo isto,  
insisto, jogaste à cesta o absoluto... como inútil papelito.)



Descobriste a tristeza de Deus e a alegria (tristes!) dos homens.  
 No teu próprio choro — de/cifraste — o choro pânico do mundo.  
 Sondaste a dor de tudo e de todos, a dor geral, dor sem nome.  
 No fim, compreendeste: livre, bem livre, é mesmo estar morto.

Em tua vera teodicéia negativa, trágico-irônica, desassombrado e proscrito  
 escreveste: o único absurdo é Deus, o único culpado é Deus. *Ipsum fatum*,  
 em nome do homem te arrependeste da criação de Deus (mas agora é tarde,  
 adiste). E, serena heresia, deste a entender no surdo crocitar: Deus não morreu

nem é Amor — é a Morte. No cimo de tudo, Deus está pousado com uma garra apenas  
 (tristinfinitamente) e fita o mundo... desfere vôo e sai por aí bicando as coisas, indiferente...  
 Bica-me Deus... nos olhos, pressentiste. E arremataste: Ao sumir crocita: "Hoje te perdô."  
 O que Deus perdoa, só o sabe Deus. Ao findar o tempo / tudo se acomoda à sua vontade.

Incerta marinhagem na rota do divino, busca imanente de precária transcendência,  
 travaste com o seu santo nome o vão combate, do humano, insano anjo batalhador  
 em que te encarnaste, na guerra de Deus, inglória, infinda, sem vencedor, para quem  
 escalavrado, no inútil duelo do Eterno, não sabe que fazer dele na microeternidade.

Guerra santa, finda só para os mortos: só quem morre vai descansar na paz de Deus.  
 Pois que a morte não existe para os mortos — não têm medo da morte desabrochada.  
 Libertos desta vida que não chega a ser breve, posto que é fim no começo, os mortos  
 conquistam eternamente a eterna vida — não a lendária — a que perdemos ao nascer.

A esse Deus único absurdo: cruel, misericordioso, duplo, que disseste não entender  
 e que, também Ele, não entende suas criaturas, condenadas previamente sem apelação  
 a sofrimento e morte, haverás contraposto, à sua dogmática da onipotência e onisciência,  
 da bondade e justiça supremas, o supremo paradoxo, oxímoro mais dramático, aporético!

da humana condição: o do bem e o do mal de amar — Por que nascemos para amar,  
 se vamos morrer? — Por que morrer, se amamos? E a Ele mais que tudo imprecárias,  
 sem esperança de resposta, o contra-senso irremissível do teu, do nosso mais contundente  
 e consumado *Por quê?* — Por que falta sentido / ao sentido de viver, amar, morrer?



Em contraprofecia anteviste: não há advento possível de um novo ou último Deus. Porque assim leste no espírito da época: já não há projeto de outro Deus ou vários. Só e precito, no seu ínsito Cáucaso, o homem caiu em si, sem remissão: — a seta não aponta destino algum, e o traço ausente / ao homem torna homem, novamente.

## IV

Se não morreste satisfeito, não morreste inconformado. Aceitaste o teu fim. E à morte deste a mão naturalmente. Soubeste, sentiste a hora de teu ser... desacoroçoado de viver, não, sobreviver... e em teu amor, sobremorrente.

Mas não morreste de amor pela morte. Tua mor ciência, in-gaia e arte maior, foi urdir e entreter em tal forma o viver, o amar e o morrer, num jogo íntimo, à risca, entre o vivido e o inventado, que o amor da vida, que tiveste, reverteu-te a morte em amor.

Repeliste, sem romântica ilusão, o frio e falso beijo da morte. A morte (riso sem boca) nada pode beijar. Só o fero ardor da vida (ainda quando morte, esculpida em vida) é que nos faz, qual fizeste ao puro nome da amada morta — beijar, beijar intensamente o nada.

Jamais te enamoraste da morte, foste a morte amortecendo em vida — vidamor te trespassando, transvivendo-te, sem que vivesses nela. E na tua mala-sorte, fadado a sobre-viver, e a rir-te e debicar-te da morte, teu anti-epitáfio tamborilaste: amor é primo da morte, e da morte vencedor.

## V

Em torno a tua campa despojada, sem cruz, sem salmo, sem vela, virão juntos recordar-te — Amor, amores que nos seres encontraste — os seres bois e os humanos, os astros, bichos, plantas, pássaros, flores, beija-flores...

Pois tanto amaste os dons da Vida e os bens da Natureza e as obras da Arte, e tudo em verso universo converteste, e foste — Orfeu moderno — o vate ecológico desta era, orna-te o nome, e a lira, a palma da Paz e da Beleza.



E as tuas quiméricas metáforas, e as tuas vívidas, roucas  
onomatopéias, ressoarão no tempo ao renovar das primaveras,  
até que o homem novo, a vir, teu infante irmão futuro, sublime  
arrolamento de contrários, por fim, um dia acorde e alvoreça!

## VI

Viverás, Drummond, surdamente, no reino das palavras.  
Lá onde todos os teus poemas foram e estão escritos  
— nesse verso e reverso do real, em que investiste  
até à letra inapelada, que exprime tudo, e é nada.

Escrita (i)memorial arqui-po(i)ética antropo(m)órfica  
a reinscrever entre a palavra e a terra o teu criptograma  
grafado em ocre, ouro, ferro, em grifo universal — Aurinaciano Auritabirano  
(a letra no corpo) o corpo na pedra a pedra na vida a vida na forma

Tal que evocaste o teu sumo poeta e amigo, o venerando ausente,  
agora tua poesia pousa no tempo, magia em si, escrita no ar.  
A arte completa, a vida completa. A forma perfeita, definitiva.  
Agora também Drummond é pura / poesia, profundamente.

Agora és puro verso, branco, livre, solto no espaço, no tempo, escandindo-se...  
és o sentido escondido no imo do cristalino espírito, no veio da palavra, abissal...  
Campeias longe... nas campinas do vazio (esse completo estar-vivo no sem-fim)  
pastor de nuvens, reses encantadas — mudo em tua palavra-aprisco: saboreando-a.

## VII

Ó novo aedo, imortal, de todos os temas, todas as rimas, toda a Poesia,  
que penseroso e lasso descendeste as montanhas de Minas, alterosas,  
percorreste as ruas e os dramas da cidade dos homens, deste a volta à vida  
no Grande Hotel do Mundo sem gerência, e mago e anjo, subiste ao sétimo céu,

e desceste ao quinto dos infernos, e ascendeste ao zênite da existência —  
em teu negro jardim onde violas soam, ouve o eco das sete faces, sete vozes,  
em sete tons, das sete cordas de tua rude cítara, nestas tristes sete palavras  
surdindo ainda... da pedra-enigma que havia e tinha no meio do caminho.



Ó velho bardo, escuta, do sono de tua mina a mais funda,  
tangendo — tom doloroso — ante o bloco de tua tumba,  
em dó profundo, o solo inaudito e longo de um alaúde...

a dizer, ressonando... sobre a tua pedra tumular,  
no cantochão de tua morte, em glorificação da tua arte,

que tua vida — ó Poeta — foi teu verso (a) lapidar (te)

*\*Pedro Pinho de Assis, nome completo, aqui intencionalmente sincopado, aproveitando-se a tradição monacal do último sobrenome para criar uma espécie de conventual pseudônimo e, assim, conferir um toque monástico ao onomástico do (interposto) autor, em consonância com o gênero e o tom do texto, ou canto, ou descante fúnebre. Ou poema-ensaio, mas não de cunho ou intuito didático, nem ortodoxo, antes heterodoxo; ou ensaio crítico-poético, escrito em intertexto livremente entretido com a poesia do homenageado e apropriado Autor: um ler-reler-(re)escrever para lembrar, celebrar, co-memorar o poeta, com pesar e com prazer, em amoroso oaristo de leitura-escritura, incorporando e/ou interpretando, no meu próprio discurso evocativo-interpretativo, poemas, versos, imagens poéticas e/ou biográficas de Drummond (imagens biopoéticas, diria muito bem, e bem a propósito, Joaquim-Francisco Coelho, um dos primeiros e melhores intérpretes da poesia em geral do grande itabirano) e também algumas outras expressões da vasta e alta fortuna crítica do poeta, bem como idéias e imagens amalhadas, entremeadas, de alguns outros poetas e pensadores. Texto inspirado também, ou tocado, pela música e o pensamento dos réquiems profanos (assim os vejo, assim os ouço) de Mozart, de Brahms, de Verdi. A presente versão é uma versão revista, alterada e ampliada do texto anteriormente publicado no jornal O Liberal, de Belém, Pará, por ocasião do primeiro aniversário da morte do nosso não só poeta maior, mas, dentre os maiores, o mais maior poeta brasileiro.*



